

ISSN 2595-3109, volume 22, número 09, jan/dez 2022.

MÉSZÁROS: UM TEÓRICO INDISPENSÁVEL

Mészáros: An Essential Theoretician

Entrevista com a Profa. Dra. Maria Cristina Soares Paniago

O filósofo húngaro G. Lukács (1885-1971) afirmou em 1945 que: “*todo verdadeiro artista e todo verdadeiro escritor é um adversário instintivo de qualquer alteração do princípio do humanismo*”¹. Com certeza, a obra e atuação da nossa entrevistada dessa edição também é perpassada, como um todo, por um ímpeto humanista no sentido mais forte e mais revolucionário possível: a Profa. Dra. Maria Cristina Soares Paniago.

A Profa. Paniago possui graduação em Ciências Econômicas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1979), mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco (1997), doutorado em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001) e pós-doutorado em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2011). Atualmente é professora titular na Universidade Federal de Alagoas. Tem experiência na área de Teoria Política, Economia Política, Teoria Social de Marx e estuda o pensamento de István Mészáros, pesquisando principalmente os seguintes temas: estado, socialismo, políticas sociais, crise do capital, capital e capitalismo, e controle social.

Com um vasto conhecimento sobre a obra de Mészáros, desde o final da década de 1990, a Profa. Paniago produziu inúmeros escritos indispensáveis para todos aqueles que quiserem compreender, de modo crítico e histórico, o funcionamento e as contradições do sistema do capital. *Mészáros e a Incontrolabilidade do Capital; Controle Social do Trabalho*

¹ LUKÁCS, G. *Ensaio sobre Literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 21.

sobre o Capital: tentativas e fracassos; Derrota do Reformismo e Abandono da crítica da Economia Política e muitos outros, são alguns exemplos de estudos indispensáveis para o entendimento do mundo em que vivemos. Mais obras da Profa. Cristina Paniago podem ser encontradas em seu site: <http://www.cristinapaniago.com/>

A seguir, apresentamos a entrevista realizada.

1) *Profa. Cristina Paniago, muito obrigado por aceitar participar dessa entrevista. É uma honra. Gostaríamos que começasse comentando como Mészáros aprofunda a contribuição para o entendimento do Estado moderno.*

A importância de Mészáros é medida pela radicalidade com que enfrentou questões fundamentais para a revolução e a transição ao socialismo, com o fim de alcançarmos a emancipação do trabalho e a superação radical do capital em nossa era histórica. Aprofunda a contribuição crítica de Marx, atualizando-a diante dos desdobramentos históricos das tentativas fracassadas de construção do socialismo conhecidas no século XX, seja através da revolução (URSS, China, Cuba, entre outros), seja por meio do avanço gradual ao socialismo com a ascensão ao poder político do Estado proposto pela social-democracia, e suas variações, que continua, ainda hoje, a influenciar incisivamente as estratégias de luta dos trabalhadores no mundo.

Em sua obra *Para Além do capital – rumo a uma teoria de transição*, faz uma dura crítica às concepções que visam assumir o poder político no Estado em nome dos trabalhadores, estratégia que, no entanto, acaba se voltando contra os interesses emancipatórios do trabalho, renovando as formas de sua exploração pela repressão vigilante do Estado, ou pela cooptação das forças combativas do trabalho. Aprisionando-as no campo da disputa com o capital no seio da democracia burguesa, sob as regras do jogo definido por seu aparato jurídico-legal, na busca por migalhas de benefícios sociais através de leis regulatórias que, por fim, sustentam, e não restringem, a exploração do trabalho e, por consequência, a acumulação crescente do capital.

Mészáros retoma de forma contundente a proposição de Marx sobre a necessidade inarredável do fenecimento do Estado num processo de transição ao socialismo, em contraposição àqueles que creditam ao Estado o instrumento executor do programa socialista e de representação dos interesses de classe dos trabalhadores, mantendo um poder político em separado, e usurpando o poder decisório dos trabalhadores ao decidir em seu nome. Como temos visto na história recente, submetendo-os a novas formas de exploração e subordinação através do fortalecimento do Estado e não de sua superação.

Sua última obra, publicada postumamente, *Para Além do Leviatã* (2021) vem complementar com maiores detalhes o que desenvolveu longamente em sua crítica radical do Estado Moderno no *Para Além do Capital* (2002).

2) *Mészáros ajuda a desmistificar as posturas reformistas que tentam um “capital mais humano”. Poderia abordar sobre a lógica do capital em explorar o trabalho?*

Uma das grandes contribuições teóricas de Mészáros é haver recuperado a concepção de Marx de que o capital é uma relação social e não uma coisa material, um objeto ou um mecanismo neutro que possa estar em poder, ou visar o benefício, de uma classe ou de outra, alternadamente. Por ser uma relação social constituída com base na subordinação e na exploração do trabalho pelo capitalista (uma forma de personificação do capital), que só pode existir operando a apropriação privada da riqueza gerada pela outra classe, institui-se inevitavelmente interesses de classe antagônicos. Os possuidores de capital, e sua tendência à acumulação crescente, não têm como contemplar a distribuição da riqueza e atender às necessidades sociais substanciais do trabalho, pois só podem existir como resultado da exploração e apropriação privada do resultado do trabalho alheio.

O capitalismo reproduz a desigualdade estrutural da relação-capital, desumaniza o processo de reprodução social subordinando a tudo e a todos à relação de troca entre mercadorias, sob o escrutínio voraz do lucro. Não há possibilidade de um capital humano, pois a relação social entre capital e trabalho, que sustenta o sistema do capital, subordina os desejos pessoais e toda vontade genuína aos imperativos da lucratividade (valor voltado a si

mesmo), contrapondo-se a qualquer objetivo que tenha por foco a generidade e a igualdade humanas. O capital impõe à ordem vigente seus imperativos da autovalorização e da tendência à expansão contínua envolvendo a totalidade da vida social.

Capital humano é uma contradição em termos. Exigiria que o capital negasse sua própria forma de ser. Teria de deixar de ser capital para possibilitar a apropriação desalienada da riqueza social por aqueles que a produzem, deixar de escravizar o trabalhador assalariado, por fim, eliminar a própria relação social capital-trabalho. O capital é incontrolável, segue sua senda acumulativa e expansionista sem respeitar limites e barreiras de qualquer natureza. Apenas com sua superação se pode abrir a possibilidade da construção de uma sociedade sem classes, sem exploração e realmente igualitária. Propostas em contrário apenas regulam o grau e a margem da exploração do trabalho, mantendo vigorosamente as desumanidades que pesam sobre a maioria dos seres humanos.

3) *Mészáros utiliza a expressão “democracia substantiva” em alguns textos, como “A Montanha que devemos conquistar”, um artigo sobre igualdade e em algumas passagens do próprio “Para além do Capital”. A democracia substantiva pode ser compreendida como a fase de superação da totalidade do sistema do capital?*

Em seu último livro, *Para Além de Leviatã* (no Apêndice III), publicado em 2021 (texto já conhecido anteriormente em publicação de 2015), Mészáros faz uma diferenciação decisiva entre os conceitos de democracia (e igualdade) substantiva e substancial. Afirma que até hoje conhecemos a democracia que o liberalismo pôde oferecer, em consonância com as necessidades do domínio da sociedade de classe burguesa sobre a classe explorada. Reproduzo a seguir uma frase que indica o limite da democracia liberal-burguesa sob a qual, na melhor das hipóteses, podemos estar submetidos.

Para Mészáros a democracia liberal realmente existente no sistema do capital “sob nenhuma condição, poderia ser substantiva, mesmo que tenha conseguido ser mais ou menos substancial, em um sentido político limitado. Nesse sentido limitado, a política pode ser mais ou menos ‘substancialmente democrática’ sob um regime liberal, mas jamais poderá ser

substantivamente democrática”. Podemos extrair claramente do pensamento de Mészáros, que para se tornar possível uma democracia (e igualdade) substantiva, plena, real e não formal, o capital (e seu Estado), deve ser “erradicado totalmente do metabolismo social” (MÉSZÁROS, 2021, p.401/405).

Nesse sentido, sim, a democracia substantiva só poderá existir numa sociedade em que tenha sido superado o capital, e o poder de tomada de decisão seja atribuição exclusiva dos produtores livremente associados.

4) *O conceito de ideologia em Mészáros ainda é relativamente pouco conhecido. A Sra. acredita que ele possui potencial investigativo para nossos tempos?*

Penso que sim. Não é um tema que tenho estudado como objeto principal. No entanto, o que não se pode deixar de reconhecer é que Mészáros investigou com reconhecida atenção o papel da ideologia, tanto ao fazer a crítica às concepções de teóricos visivelmente alinhados com a dominação do capital, como de outros renomados pensadores no campo da esquerda, mas que se limitaram à uma teoria crítica sem comprometimento com a construção histórica e objetiva de uma sociedade radicalmente distinta, que superasse o capital, e não apenas as desumanidades do capitalismo.

Nosso autor articula a compreensão do papel e do poder da ideologia à luta pela emancipação dos trabalhadores e à construção de uma consciência revolucionária capaz de se contrapor à ideologia dominante e de construir as bases da sociedade emancipada e substantivamente igualitária a se alcançar. Seu livro *O Poder da Ideologia* é indispensável para se ter acesso à abrangência e à importância que delegou ao conceito de ideologia, e seus efeitos sobre a luta de classes empreendida pelas forças sociais que pretendem revolucionar o mundo e não apenas “remendá-lo”.

5) *Quais pesquisadores no exterior, a Sra. poderia lembrar que trazem contribuições significativas para o entendimento da obra de Mészáros?*

Os livros de Mészáros tiveram, inicialmente, uma maior difusão através de publicações por editoras inglesas (especialmente a Merlin Press), e depois nos EUA (com a *Monthly Review*). Foi a partir dos originais em inglês que se realizou traduções em diversos idiomas pelo mundo, e, em particular no Brasil, através primeiramente da editora Ensaio e, depois, através da Boitempo, podemos ter acesso hoje a mais de 20 edições dos livros de Mészáros.

Com a publicação original do *Beyond Capital - towards a theory of transition* (Para Além do Capital – rumo a uma teoria da transição), em 1995, em Londres, sabe-se que a obra circulou por recantos impensáveis do mundo, dada a dificuldade natural de se fazer a tradução e se publicar uma obra de mais de 1000 páginas. Podemos mencionar traduções para o chinês, o farsi, o espanhol, entre outras. Mas foi no Brasil que o conjunto da obra do Mészáros ganhou maior repercussão.

Tudo isso para sinalizar que, apesar de termos conhecimento da existência de autores e de pesquisadores do pensamento de Mészáros, não podemos localizar em outros países estudos sistemáticos e específicos em quantidade, como encontramos no Brasil.

Atualmente, com a publicação póstuma, em 2021, de *Beyond Leviathan - critique of the state* (Para além do Leviatã – crítica do Estado), originalmente em inglês pela *Monthly Review*, o organizador responsável pela publicação, indicado por Mészáros ainda em vida, John Bellamy Foster tem se dedicado a difundir e a discutir a produção teórica de Mészáros, com base em suas duas obras seminais. (Esta última vem complementar o *Beyond Capital - towards a theory of transition*).

Bellamy Foster, ainda que tenha declarado não haver estudado profundamente Mészáros, apresenta uma leitura muito particular sobre seu pensamento, a qual diverge, em importantes aspectos, do que temos produzido nos anos de estudos e pesquisas realizados coletivamente, em Alagoas, no *Grupo de Pesquisa Lukács e Mészáros – fundamentos ontológicos da sociabilidade burguesa*. Seu entusiasmo com a experiência das comunas e a

defesa do socialismo, supostamente, em construção na Venezuela, leva-o a associar positivamente tais processos, a nosso ver sem fundamento sustentável nos escritos de Mészáros, à concepção de transição desenvolvida por ele.

Pouco temos identificado quanto a estudos sistemáticos e significativos sobre o pensamento de Mészáros no exterior. Pode-se mencionar com maior destaque a notável influência do *Para Allá del Capital*, edição venezuelana da obra de Mészáros (2001), sobre aqueles que se dedicaram à formulação do Socialismo Bolivariano do século XXI, bem como a interpretação e a aquisição parcial e questionável do pensamento de Mészáros por eles realizada, especialmente quanto à concepção de capital e de Estado na transição, ajustando-o às necessidades e às contradições imanentes ao socialismo (em um só país) proposto por Chávez para a Venezuela.

Enfim, não podemos atestar que não existam produções relevantes no exterior, mas apenas que não chegaram até nós.

6) *Poderia abordar as linhas gerais da crise estrutural do capital?*

Primeiramente, é necessário reconhecer que o sistema do capital tem por fundamento reproduzir a riqueza social visando a acumulação de capital, descolada das necessidades sociais e sob a imposição do valor de troca como critério para a produção e a reprodução social. Tudo se transforma em mercadoria, bens materiais e seres humanos. Isso conforma um sistema de reprodução social alienado e subordinado aos interesses do capital (do lucro), custe o que custar. Movido pelo imperativo de acumular de forma contínua e insaciável, o sistema do capital gera tamanhas contradições internas ao próprio sistema que acabam por adquirir, de forma também crescente, uma capacidade destrutiva de seus próprios recursos: humanos (força de trabalho) e naturais (existentes na natureza).

A superprodução, obtida através da redução do tempo de trabalho necessário (que implica em redução dos postos de trabalho, e a intensificação da exploração dos trabalhadores “úteis”), e o conseqüente aumento progressivo da produtividade, gera uma contradição insuperável entre o aumento da produção e a redução das massas de consumidores, na escala

requerida, para a realização do capital (da mais-valia). Além do enorme uso perdulário e destrutivo dos recursos naturais renováveis e não-renováveis, que provocam um desequilíbrio com nefastas consequências para a vida humana, e não menos para a reprodução, presumidamente infinita e eterna, da lógica do capital.

Entre muitas outras contradições geradas por um sistema de produção e reprodução social que submete a vida humana a critérios mercantis e de lucratividade, sem medir as consequências presentes e futuras da destrutividade que provoca na natureza, nada pode ser feito pelo próprio capital para conter essa tendência a desequilíbrios recorrentes, que levam às crises do sistema.

As crises, que o acompanham desde o século XIX, se agravam no momento em que o sistema esgota o deslocamento das contradições, possíveis no passado, o que fez, no entanto, apenas protelasse seus efeitos, sem que pudesse superá-las ou controlá-las indefinidamente.

Desde os anos 1970, as crises periódicas do passado se transformaram em uma crise estrutural, que passa a colocar em questão a própria capacidade do sistema de sustentar a reprodução social da humanidade. Sob o risco de tamanha e crescente destrutividade, provoca de forma contraproducente danos irreversíveis à própria vitalidade do sistema, comprometendo as fontes de recursos fundamentais à sua própria existência enquanto capital: o trabalho social e os recursos naturais.

A crise estrutural coloca em questão a continuidade do próprio sistema, e ameaça, por outro lado, a existência da humanidade. Superar a crise estrutural do capital, exige medidas estruturais, somente possíveis de serem adotadas por seu antagonista estrutural – o trabalho. Ao constituir uma nova forma de sociedade que supere o capital, que constitua uma nova relação metabólica social com a natureza, e que seja retomado o poder de decisão pelos verdadeiros produtores da riqueza, organizados de forma livremente associada.

A crise estrutural, segundo Mészáros, coloca a urgência histórica de se superar o capital e seu Estado. Não há possibilidade de o próprio capital negar sua própria forma de ser, resolvendo suas contradições estruturais, nem mesmo que se possa alcançar as medidas estruturais necessárias através de reformas por dentro do sistema.

7) *Quais as lacunas ou desvios de Mészáros na sua análise?*

Tenho dedicado-me a estudar alguns temas específicos no pensamento de Mészáros, que envolvem a incontrollabilidade do capital, a função social do Estado Moderno, a crise estrutural, a crítica ao reformismo e às experiências pós-capitalistas, tal como a soviética, relacionados à teoria de transição ao socialismo na obra *Para Além do Capital*. Portanto, posso apenas enunciar alguns comentários concebidos durante nossa trajetória de estudos, fundamentalmente dessa obra, e secundariamente em outros de seus livros.

Não é incomum que os leitores de Mészáros, dada a profundidade da crítica que nos oferece quanto aos fracassos revolucionários do passado, procurem em sua obra medidas prático-políticas do que fazer nos tempos atuais. Podemos assegurar que não é possível encontrar indicações tático-estratégicas para uma ação política imediata dos trabalhadores. Mas sem dúvida, ele nos oferece inúmeras indicações dos erros do passado que não devemos repetir e aquilo que não devemos deixar de fazer para superar a ordem vigente, tal como erradicar o sistema do capital e realizar o fenecimento do Estado, ao contrário de seu fortalecimento como garantia para o avanço ao socialismo.

Em muitos momentos refere-se aos princípios orientadores fundamentais para uma teoria da transição ao socialismo, na era de crise estrutural do capital. Uma vez que considera ser o desenvolvimento da crise do capital que fornecerá o solo histórico-objetivo a indicar quais as opções de combate mais eficazes ao sistema do capital a ser adotadas pela classe trabalhadora, provocando a renovação criativa, a cada situação histórica, de seus objetivos e meios de luta específicos. Evitando assim repetir velhas fórmulas do passado.

O que não é pouco, considerando a crise do marxismo que, segundo Mészáros, vivemos desde o século XX, e a ausência, até o momento, de um movimento revolucionário e internacionalista do trabalho, que dê conta de construir uma alternativa tangível e sustentável para além do capital e do Leviatã (com uma crítica radical do Estado).

Um outro tema nos parece relevante destacar. A necessidade de uma investigação mais apurada e rigorosa, no conjunto da obra de Mészáros, quanto a sua compreensão de qual é o sujeito revolucionário no processo de transição. Na maioria das vezes, nosso autor utiliza

o termo “o trabalho, o antagonista estrutural do capital”, mas não explicita qual o perfil sociológico, e a função social no interior da classe, dos trabalhadores aí compreendidos. Em muitos outros momentos, resgata a formulação de Marx como sendo o proletariado o sujeito revolucionário fundamental, por não poder defender “interesses *particularistas*”, e por ser “inconcebível que se tornasse uma classe privilegiada”, colocando-se “acima e contra uma classe produtora, ou seja, ela própria” (MÉSZÁROS, 2002, p.287/568). Dificulta, desse modo, uma compreensão sólida sobre o sujeito fundamental a garantir o sucesso da revolução social.

Pode-se notar que desde *o Para Além do Capital* (1995, edição original em inglês), essa imprecisão fica mais presente, ao Mézszáros manifestar-se com especial interesse em alguns momentos (a exemplo da Introdução à edição da Boitempo de *O Poder da Ideologia*) sobre a importância da organização inovadora e criativa das movimentações de protesto com as massas na rua, que se espalharam pelo mundo, no início dos anos 2000.

Coloca-se, portanto, uma necessidade de identificação mais precisa do que nosso autor concebe como o sujeito revolucionário central da transição, ainda que se possa reconhecer que este não tenha sido um objeto específico de suas investigações mais profundas. Poderia ter constituído um próximo passo na elaboração de sua teoria da transição para os tempos atuais, o que Mézszáros não teve tempo de realizar.

8) *Para finalizar, poderia comentar sobre a importância do filósofo húngaro aqui em discussão para a construção de um futuro plenamente humano? Mais uma vez muito obrigado, foi uma honra.*

Depois de todo o exposto até aqui, penso que pouco teria a acrescentar sobre a importância da contribuição de Mézszáros ao colocar na ordem do dia a necessidade de reestruturação radical da sociedade sob o domínio do capital. Em tempos sombrios de crise estrutural do capital e dos descaminhos da necessária revolução social, ele recoloca a relevância da luta para que a igualdade substantiva e a autoatividade dos produtores

livremente associados constituam o princípio organizador de uma sociedade sem classe, sem Estado, e verdadeiramente emancipada de toda sorte de exploração entre os seres humanos.

Sua obra não demonstra nenhum temor ao se contrapor crítica e radicalmente às alternativas ao sistema do capital que predominaram até aqui, como a acomodação social-democrata, ou a exploração do trabalho pela mediação política que caracterizou a experiência soviética. Uma crítica que não pode ser ignorada, pois revitaliza de forma fortemente fundamentada a necessidade e a possibilidade da revolução e do socialismo, em tempos de crise estrutural sem saída para o capital.

Leva-nos a reconhecer no processo de superação da ordem vigente, retornando a Marx, a tarefa histórica que cabe fundamentalmente ao trabalho produtor da riqueza social, e às forças sociais a ele associadas, para assumir seu papel revolucionário e se tornar capaz de fazer sua própria história.

Grata pelo convite.

Referências

MESZÁROS, István. **Para além do Capital** – rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. **Para além do Leviatã** – crítica do Estado. São Paulo: Boitempo, 2021.

_____. **O Poder da Ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004.